Festejos Populares

A Casa da Cultura **Péricles Eugênio da Silva Ramos**

e o

Museu e Arquivo Municipal

convidam para a exposição

do fotógrafo

BOTELHO NETTO

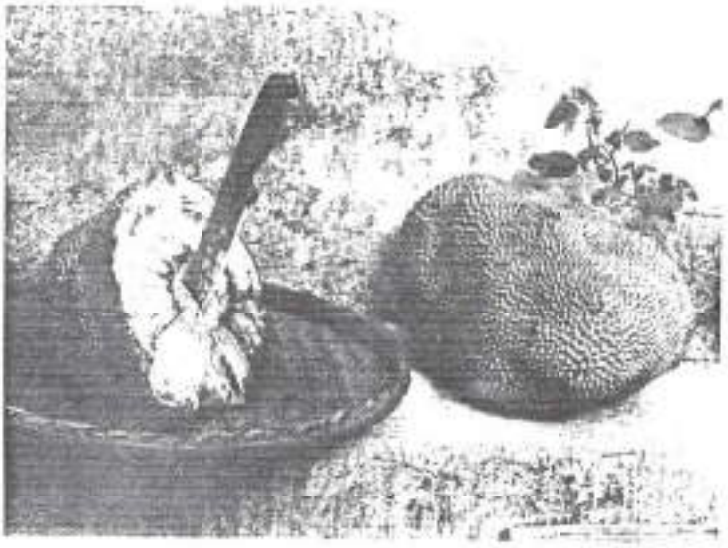
dias 6, 7 e 8 de dezembro

das 20 às 22 horas

no Auditório da Casa da Cultura

1991

CÓPIA DO NATURAL



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

PREFEITURA MUNICIPAL DE LORENA

CORRIDA DE CANOAS

Imagem de 1971. Competição tradicional em Cachoeira Paulista, a corrida de canoas era promovida por ocasião dos festejos de Santo Antônio, padroeiro da cidade. Aos poucos foi sendo esquecida e desde meados de 1980 não é mais praticada.

ANDOR DE SANTA CABEÇA

O cortejo com a imagem de Santa Cabeça faz anualmente um cortejo de doze quilômetros, ida e volta entre a igreja matriz de Cachoeira Paulista e a do orago de Santa Cabeça, na divisa com Silveiras.

VELAS VOTIVAS

Ao lado dos ex-votos, as velas votivas são outra característica da festa de Santa Cabeça. A imagem é uma exuberância de luzes e sombras, por artes e manhas do fotógrafo Botelho Netto.

FOLIÕES COLETA

Foliões de Reis, que percorrem estradas da zona rural do Vale do Paraíba, entre novembro e dezembro, coletando prendas para as Festas dos Santos Reis, em 6 de Janeiro. Imagem 1970.

CARNAVAL CP

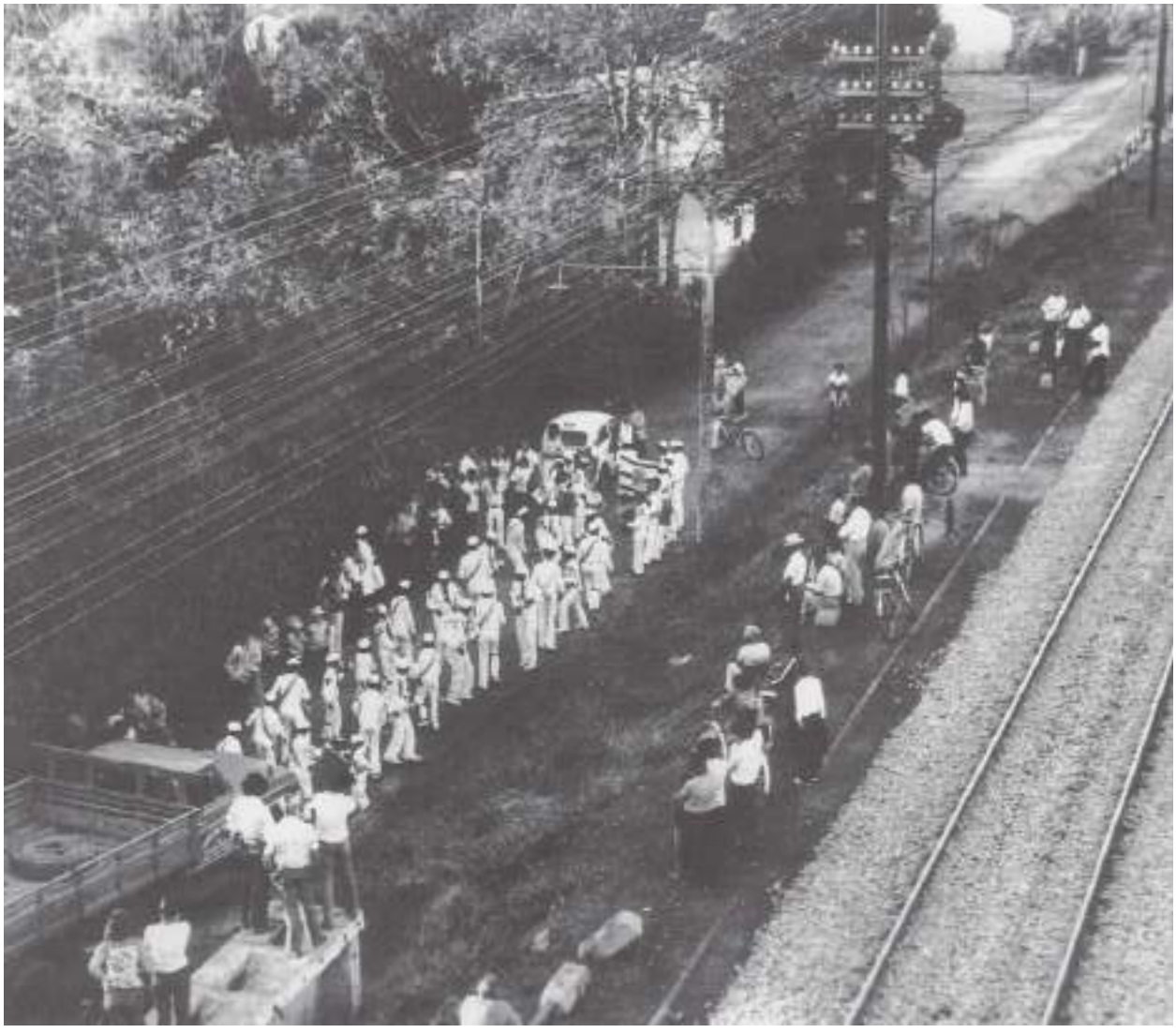
Ainda que Cachoeira Paulista não tenha escolas de sambas de destaque no Vale do Paraíba, exibe festejos carnavalescos modestos, mas bastante plásticos. Esta imagem foi feita na Rua Coronel Dominicano, em Cachoeira Paulista, em frente à Praça Prefeito Prado Filho. Final da década de 70.

CAVALHADA

Cavalhada de São Benedito, em Guaratinguetá. Década de 1970. Os cavaleiros vêm de longe para honrar o santo negro.

MOÇAMBIQUE

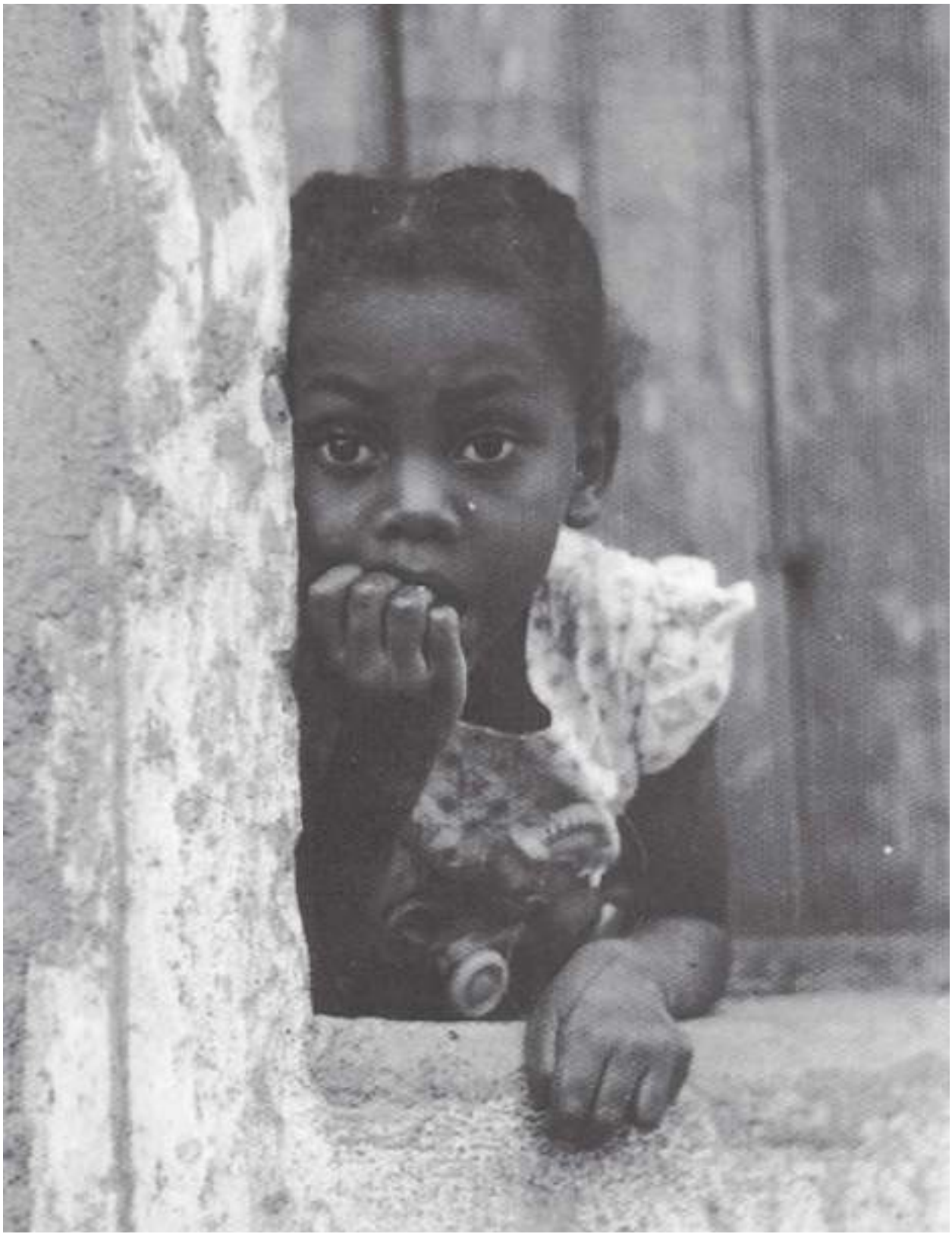
Botelho foi orientado, nas suas reportagens sobre festejos populares, pela mulher, Ruth Guimarães, renomada folclorista, Esta imagem foi tomada em Cachoeira Paulista 1969. Os grupos de Moçambique se apresentam em várias festas populares, principalmente a de são Benedito e do Divino. É uma dança de origem africana, com sincretismo religioso que une tradições católicas e pagãs, já contaminada com diversos acréscimos, especialmente quanto aos instrumentos. Alguns grupos incluem, atualmente, até o violino e o acordeão.



Infância

OLHOS NEGROS

O olhar atento. A mão na boca, supondo calar a curiosidade. Quem será que vem lá?

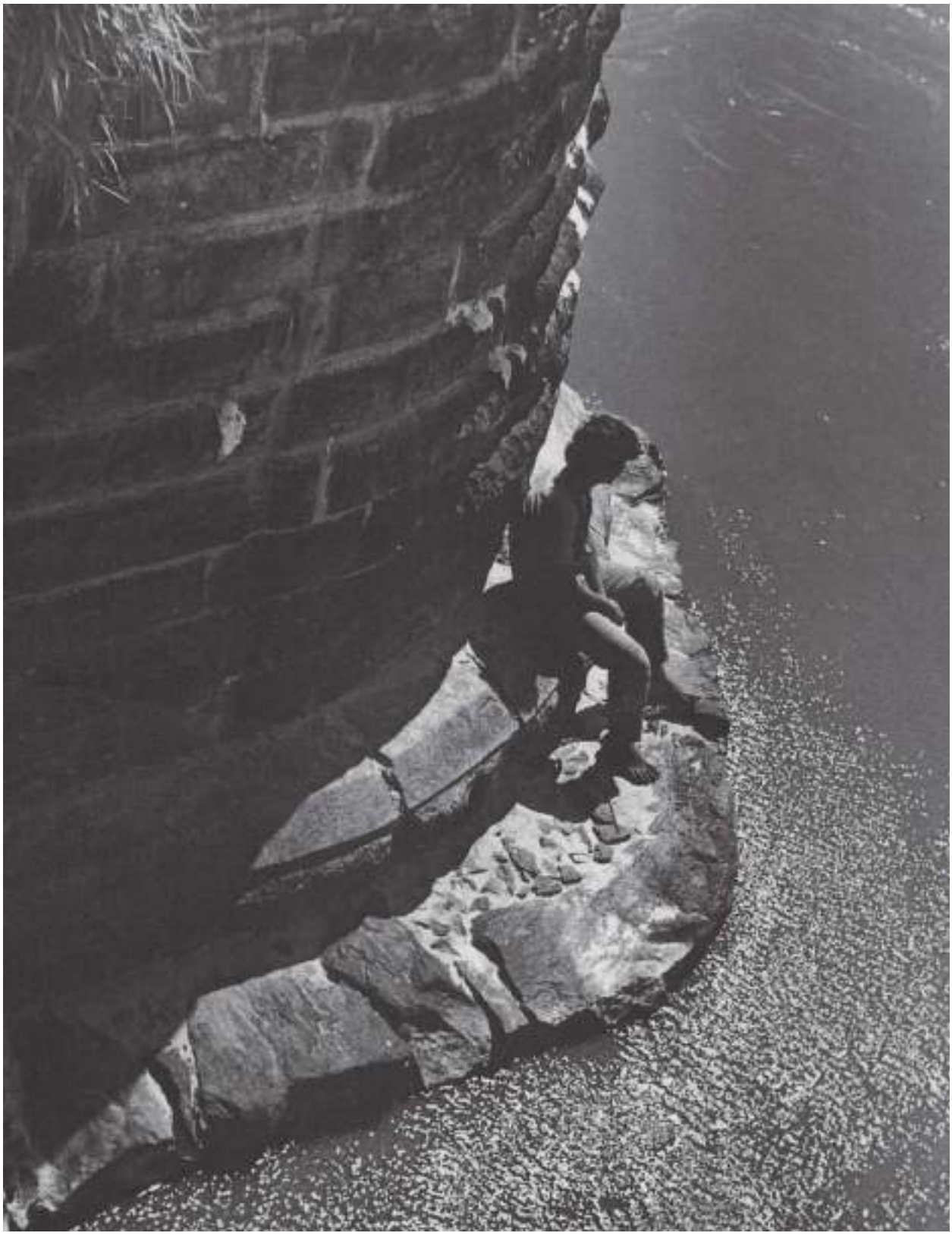


SUPERIOR

Imagem tomada de baixo para cima engrandece, dá poder. E esse olhar superior mostra a força da menina. Que será que ela vai levando nos braços?

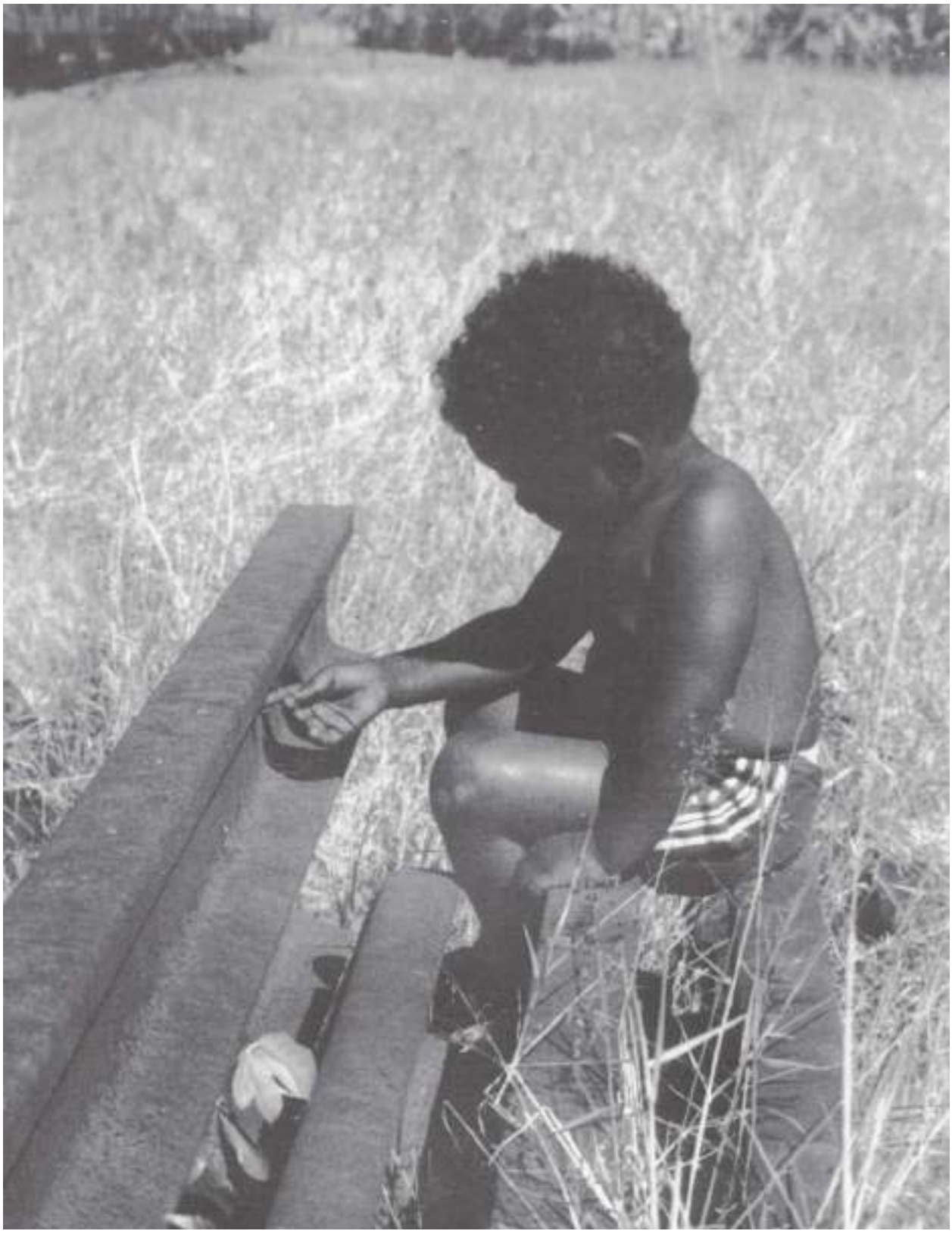
PONTILHÃO

A coluna. O rio. O menino. Será o Rubicão?



NOS TRILHOS

A vida segue em paralelas. Serão mesmo paralelas as estradas da vida?



EU E O CÃO

O trem passa e não para. A estação foi abandonada. Até mesmo pelo menino e seu cão. Para onde será que seguem?

BACIA

Trabalho de criança é pouco, mas quem não aproveita é louco. Será que ainda se usa bacia?

TERRA NUA

O Bairro de Cachoeira Paulista é pobre. O menino não parece se importar com o chão de terra, porém. Antigamente chamado Pé preto, por causa da ulha usada sob os trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil, era onde trabalhavam os homens da Turma 26, estendendo trilhos do caminho criado pelo imperador. Hoje ganhou status, é Santa Terezinha. A foto captada por Botelho é uma composição dos contrastes sociais, marca de sua arte.

LEVEZA

Desnecessário legendar. As meninas voam. E voarão.

CARNAVAL

Nos anos de 1920 a 1940 os carnavais em Cachoeira eram os melhores do Vale do Paraíba, atraindo visitantes das cidades circunvizinhas e ate da Capital do Estado.

Recordo-me dos tradicionais *corsos* (carros abertos repletos de jovens de ambos os sexos, bem fantasiados e cantando), desfilando pelas ruas centrais da cidade, interligados por grande quantidade de serpentinas; das batalhas de confete que chegavam a forrar as ruas com minúsculas rodelinhas multicores; dos apreciados lança-perfumes (os primeiros eram de vidro, depois vieram os metálicos), coisas que hoje não mais existem.

Desfile dos *cordões* (agora denominados escolas de samba), com belas e variadas fantasias, muito ritmo e boas musicas, carros alegóricos de muita imaginação e bom gosto e a participação voluntaria da juventude cachoeirense.

No desfile destacavam-se os cordões **Prazer das Morenas,** da Sociedade Dançante e Carnavalesca Prazer das Morenas; **Quem fala de nós tem paixão e paz e amor,** este mais modesto e bem menor, mas bem fantasiados e com muita animação.

Não se falava ainda em *baterias* e os cordões eram animados por grupos musicais.

Havia uma forte rivalidade entre os cordões **Prazer das Morenas** e o **Quem fala de nós.** Quando, casualmente, os dois se encontravam na mesma rua, resultava em briga feia, sendo necessário a intervenção da policia.

Os bailes do **Prazer das Morenas** realizavam-se na sede da Sociedade, animados pela banda de música **15 de Novembro** do maestro Lorena.

O Carnaval de 1930 foi o mais animado até então. O enredo do **Prazer das Morenas** foi **Uma Festa no País do Sol Nascente** com fantasias orientais muito bem trabalhadas e alegorias do mesmo estilo.

A organização, os ensaios e as fantasias do **Prazer** ficavam sob os cuidados de uma comissão composta dos Srs. Vicente Buono, Nelson Lorena, Zildo Brandão Avelino Ventura, Sebastião de Castro, Pércio Cardoso e outro mais.

Hoje em dia esta totalmente acabado o carnaval de rua de Cachoeira.

Bons tempos, aqueles!

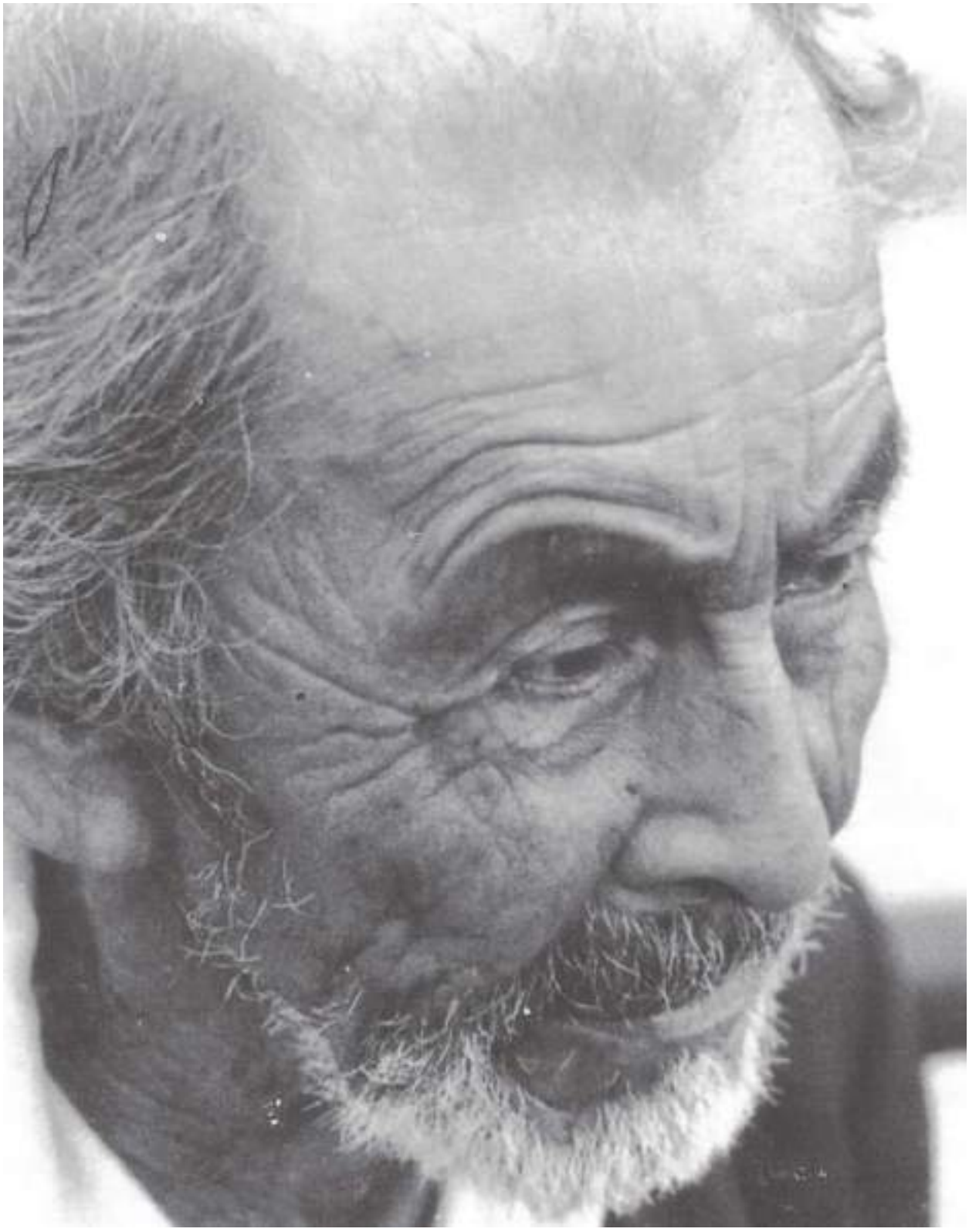
Tipos

PEZÃO

Os pés de andarilho, gastos pelo caminhar, e, ao caminhar, se faz o caminho. Mas até o andarilho precisa descansar.

CASSIANO

João Cassiano, tipo popular de Cachoeira Paulista. Vivia de vender galinhas. Uma das crônicas de Ruth Guimarães completou a sua história.



MADRE

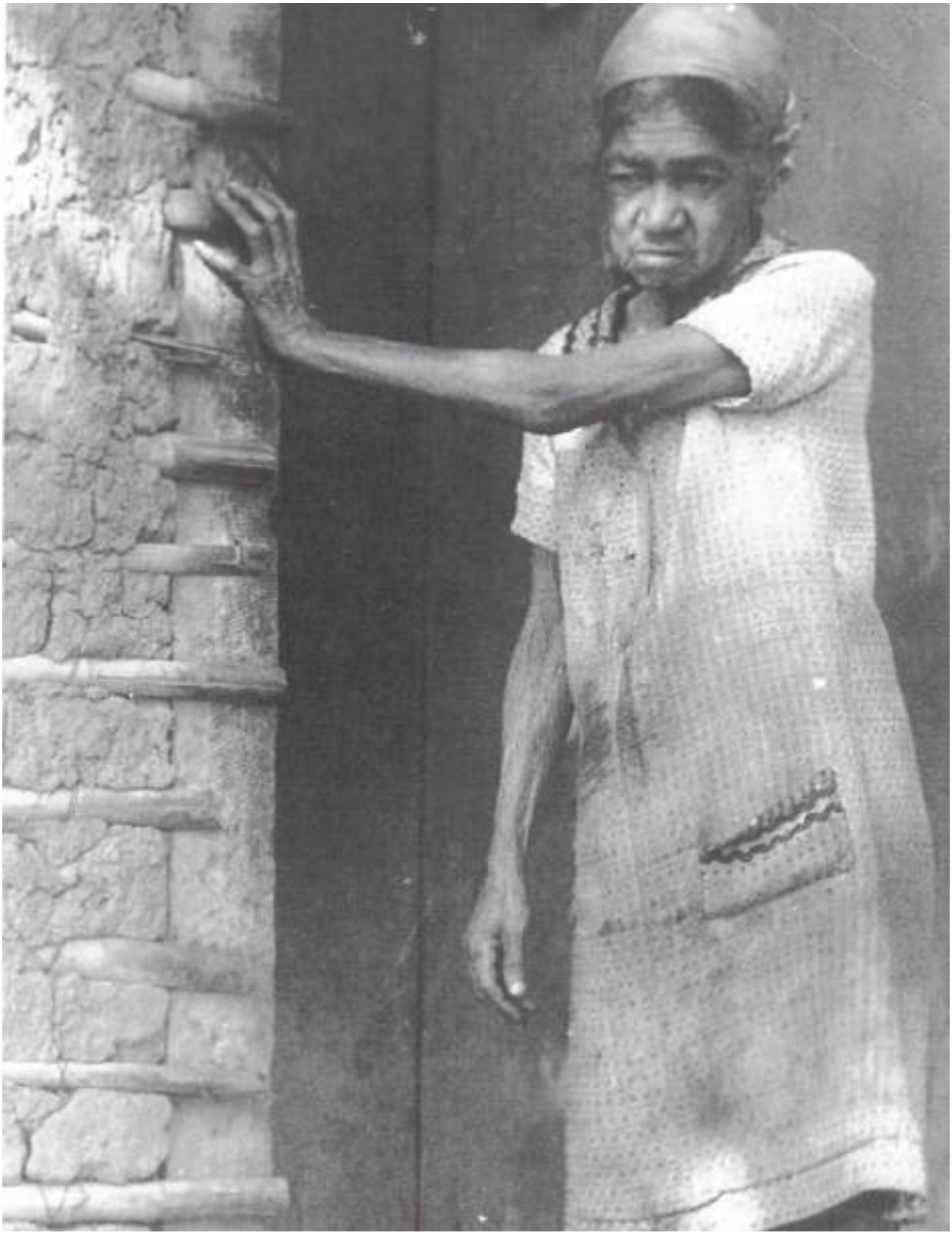
Madre Teresa pré-moderna. Mona Lisa pós-moderna. Ou, apenas, a mulher que se protege do sol.

PENSAR

Va pensiera.

TAIPA

O barro de onde vieste molda a casa onde estás.



CONDUÇÃO

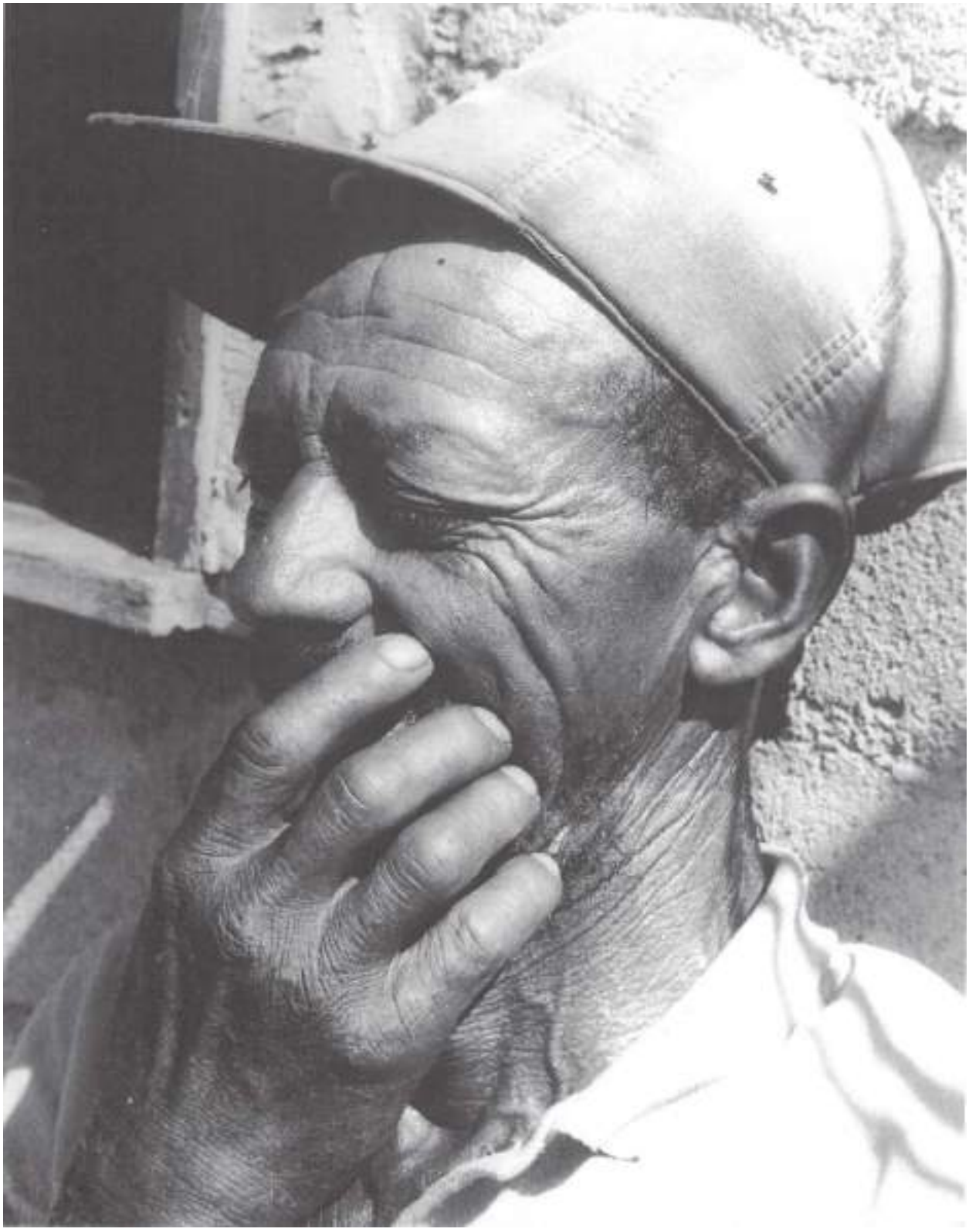
Na roça, o caminhão do leite é o ônibus dos pobres. Homens pagam passagem ajudando a subir e descer os latões de 50 litros. Mulheres são isentas. Mas sacolejam igual. Imagem tomada na estrada que leva de Cachoeira Paulista ao bairro dos Macacos, em Silveiras. Década de 1960.

DITO CEGO

Dito Cego, tipo popular de Cachoeira Paulista. Com toda a deficiência, ainda cuidava da mãe inválida. Era figura respeitada, embora ás vezes a criançada, cruel, cantasse quadrinhas importunas para ele, que se zangava e agitava a bengala. Ruth Guimarães escreveu uma crônica sobre ele.

BONÉ

Uma imagem que revela a habilidade do fotógrafo de lidar com a textura e o contraste. O personagem, com seu boné insolente, era um trabalhador da Prefeitura de Cachoeira Paulista.



BRANCURA

Lavoura arcaica.

FUZIL

O isqueiro, de pederneira ainda, com pedra e fuzil, já não se vê há anos acender um cachimbo era tarefa demorada.

SOBRE UMA FOTO DE JOSÉ BOTELHO

Junto à displicência
do cigarro aceso

este pé à janela
tem o ar domingueiro

de uma raiz que fugisse
à escureza do chão

para se abrir em copa
de arvore aos pássaros

e aos ventos um instante, antes
de o chão a chamar de volta

ainda morna de sol
ainda tonta de azul.

José Paulo Paes

GUARITA

Enquanto o trem não vem, o guerreiro descansa.

POR QUE EU?

Tirada em 1987

MÃOS

Nas Mãos, a mensagem.

OUTRAS MÃOS

Nas Mãos, o futuro.

NOVAS MÃOS

Seguindo a fé.